

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS

**NÍVEIS DE ANSIEDADE EM ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM - CAMPUS UNAI)
QUE SÃO PROPRIETÁRIOS OU NÃO DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Karielly Amaral Andrade

Unai
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS

**NÍVEIS DE ANSIEDADE EM ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM - CAMPUS UNAI)
QUE SÃO PROPRIETÁRIOS OU NÃO DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Karielly Amaral Andrade

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Débora Ribeiro Orlando

Monografia apresentada ao Curso de
Bacharelado em Ciências Agrárias, como
parte dos requisitos para a conclusão do
curso.

Unai

2017

**NÍVEIS DE ANSIEDADE EM ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM - CAMPUS UNAI)
QUE SÃO PROPRIETÁRIOS OU NÃO DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Karielly Amaral Andrade

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Débora Ribeiro Orlando

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Agrárias, como parte dos requisitos para a conclusão do curso.

APROVADO em / /

Prof. Dr. Eric Francelino Andrade - FACTU

Prof^a. Ms. Amanda Melo Sant'Anna Araújo - UFMG

Prof^a. Ms. Luísa Silvestre Freitas Fernandes - UFMG

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a possibilidade de concluir todo o estudo.

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Débora Ribeiro Orlando por ter me dado a oportunidade de participar do estudo, além de toda paciência e apoio no momento da pesquisa e sua ajuda em meus momentos de dúvida, correções e sugestões na escrita da monografia.

Agradeço ao Prof. Dr. Eric Francelino Andrade que também tanto me auxiliou no estudo, pelas suas correções e sugestões.

Aos meus pais que me incentivaram todo o tempo que estava na Universidade, principalmente à minha mãe Josemary do Amaral Montijo que acompanhou de perto todas as minhas dificuldades.

Ao meu irmão, que mesmo de longe, me apoiou em todos os momentos difíceis.

Ao meu namorado, que teve toda a paciência nos momentos de estresse.

Aos meus colegas, que participaram da pesquisa.

Enfim, agradeço a todas as pessoas, colegas, amigos, família e professores, que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

A ansiedade pode ser definida como um padrão incondicionado de resposta, caracterizado por um conjunto de reações fisiológicas referentes à comportamentos de luta ou fuga, diante de situações de perigo. Considera-se que o convívio com animais de estimação possa diminuir o nível de ansiedade, além de promover inúmeros benefícios, como: aumento da autoestima, estimulação da memória, diminuição da pressão arterial e melhora do humor. Estudantes universitários apresentam uma alta propensão em desenvolver ansiedade. Desta forma, o presente estudo objetivou investigar os efeitos do convívio com animal de estimação sobre a ansiedade em universitários. Participaram do estudo 219 estudantes matriculados em diferentes períodos letivos do curso de Bacharelado em Ciências Agrárias da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/Campus Unaí, MG. Para tal, foi aplicado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) para avaliação dos níveis de ansiedade. Adicionalmente, algumas questões referentes à posse de animal de estimação (quantidade, espécie e raça) foram anexadas ao IDATE. Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância (ANOVA) e as médias foram comparadas pelo teste de t de *student* ($p < 0,05$). A maioria dos participantes foi classificada com ansiedade-estado moderada (AM). Com relação aos níveis de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço (AT) entre os períodos letivos, não foi observada diferença significativa. Foi observado que AE foi menor nos voluntários que relataram conviver com animal de estimação, em relação àqueles que não convivem com animais. Não houve diferença significativa quando esta comparação foi feita na AT. Com relação à espécie, observou-se que a AE foi menor nos universitários que convivem com cachorro, quando comparados àqueles que não possuem animal. Os níveis de AE foram menores naqueles que convivem com um ou dois animais, em relação aos que não convivem. Adicionalmente, observou-se que os escores de AE nos universitários que convivem com apenas um animal foi menor em relação àqueles que convivem com três ou mais animais. Com relação à raça, foram observados menores escores de AE nos voluntários que convivem com animais sem raça definida, de raça, ou até mesmo ambos os casos, quando comparados aos universitários que não convivem com animais de estimação. Conclui-se que o convívio com animal de estimação está relacionado à menores níveis de AE.

Palavras-chave: Inventário de Ansiedade Traço-Estado. Animal.

ABSTRACT

Anxiety is defined as an unconditioned pattern of response, characterized by a set of physiological reactions to fight or flight behavior in the face of dangerous situations. It is considered that living with pets can reduce the level of anxiety, as well to numerous benefits, such as increased self-esteem, memory stimulation, decreased blood pressure and improved mood. College students have a high propensity to develop anxiety. In this way, we investigate the level of anxiety in college students, considering the coexistence with pets. A total of 219 students with a mean age of 19 years and enrolled in different academic periods of the Bachelor's degree in Ciências Agrárias of the Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/Campus Unaí, MG, participated in the study. For this, the Trait-State Anxiety Inventory (IDATE) was applied to assess anxiety levels. In addition, some issues related to pet ownership (quantity, species and breed) were attached to the IDATE. Data were submitted to analysis of variance (ANOVA) and the means were compared by the student t test ($p < 0.05$). The majority of participants were classified with moderate-state anxiety (AM). No significant difference was observed regarding levels of anxiety-state (AE) and anxiety-trait (TA) between school periods. AE was lower in the volunteers who reported living with the pet, compared to those who did not live with animals. There was no significant difference when this comparison was made in TA. AE was lower in college students living with dogs when compared to those who did not have an animal. AE scores were lower in those living with one or two animals than in those who did not live with pets. Additionally, AE scores in university students which living with only one animal were lower in relation to those living with three or more. Regarding pedigree, lower scores of AE were observed in volunteers who live with animals without pedigree, pedigree, or even both, when compared to university students who do not live with pets. We conclude that living with pets is relating to lower AE levels.

Keywords: Trait-State Anxiety Inventory. Animal.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Nível de ansiedade-estado (AE) em estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM – Campus Unai)	13
TABELA 2 – Escores médios de ansiedade-estado e ansiedade-traço em estudantes universitários com relação ao período letivo do curso de Bacharelado em Ciências Agrárias.....	13
TABELA 3 – Frequência de estudantes (n) classificados em diferentes níveis de ansiedade-estado e ansiedade-traço, com relação ao período letivo do curso Bacharelado em Ciências Agrárias.....	14
TABELA 4 – Valores médios absolutos do nível de ansiedade-traço (AT) e ansiedade-estado (AE) em estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM – Campus Unai)	15
TABELA 5 – Escores médios de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço em estudantes universitários com relação à espécie do animal de estimação que convivem.....	16
TABELA 6 – Escores médios de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço (AT) em estudantes universitários com relação à quantidade de animais de estimação que convivem.....	17
TABELA 7 – Escores médios de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço (AT) em estudantes universitários com relação à raça do animal de estimação que convivem.....	17

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 – OBJETIVOS	10
2.1- Objetivo Geral	10
2.2- Objetivos Específicos	10
3 – METODOLOGIA	11
4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
5- CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	19
ANEXOS	8
ANEXO A – Questionário Aplicado	8

1 - INTRODUÇÃO

A ansiedade pode ser definida como um padrão incondicionado de resposta, sendo caracterizado por um conjunto de reações fisiológicas referentes à emissão de comportamentos de luta ou fuga, diante de situações reais ou irreais de perigo (KNAPP & CAMINHA, 2004). Assim, de acordo com a ansiedade surge como uma resposta de adaptação impulsionadora de desempenho, apresentando elementos psicológicos e fisiológicos (ANDRADE & GORENSTEIN, 1998; AMORIM-GAUDÊNCIO & SIRGO, 1999).

Segundo Peregrino (1996), a ansiedade consiste basicamente em três condições: atitude de espera em relação ao perigo; pressentimento de perigo iminente e desestruturação ante ao perigo com sensação de estar desprotegido. As escalas de ansiedade mensuram vários aspectos que podem ser agrupados de acordo com variáveis como; cognição, estado de hiperalerta, humor, comportamento, sintomas somáticos, entre outros (ANDRADE & GORENSTEIN, 1998).

Em termos clínicos, conforme Andreatini; Boerngen-Lacerda e Filho (2001), a ansiedade é um dos principais problemas psiquiátricos, com altos custos sociais e individuais. Sendo assim, acarreta uma elevada demanda de assistência, demonstrando sua importância em termos de saúde pública (RODRIGUES & PELISOLI, 2008).

Os transtornos ansiosos representam um dos quadros psiquiátricos mais comuns, tanto em crianças quanto em adultos e atingem todas as classes socioeconômicas em todo o mundo (CASTILLO et al., 2000; ARAÚJO; MELLO & LEITE, 2007).

Estudo feito por Twenge (2000) considera que estudantes universitários são predispostos a sofrer do transtorno de ansiedade. Isto acontece, pois, segundo Escudero (1999), indivíduos em fase de profissionalização em nível superior, muitas vezes se sentem pressionados a preparar-se para uma atuação eficaz em seu campo profissional. De acordo com Almondes & Araújo (2003); Hidalgo et al. (2003) e Inocente et al. (2004), estes indivíduos que se encontram em fase de profissionalização apresentam maior privação de sono com tendência à sonolência diurna excessiva e, como consequência, queda do desempenho escolar, lapsos de memória, inconstância no humor (ansiedade, irritabilidade e tensão) e problemas comportamentais. Devido a isto, estudos de Pereira & Lourenço (2012); Oliveira & Duarte (2004); Chaves et al. (2015) têm investigado a ansiedade em estudantes universitários.

Neste sentido, como forma de avaliação dos níveis de ansiedade, foram definidos os conceitos de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço (AT), que são características que permitem definir se o quadro de ansiedade é referente à situação ou à personalidade do indivíduo (BAPTISTA; BAPTISTA & TORRES, 2006).

Segundo Spierlberger; Gorsuch e Lushene (1970), a AE refere-se ao estado emocional transitório, onde os escores podem variar em intensidade de acordo com situações do ambiente. Já a AT, de acordo com Medeiros & Carvalho (2008), envolve características da personalidade do indivíduo, onde os sintomas são menos sensíveis a mudanças decorrentes de situações ambientais, permanecendo relativamente constantes no tempo.

Sendo assim, o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) é um instrumento que se baseia na concepção de ansiedade proposta por Spielberger; Gorsuch e Lushene (1970), distinguindo a ansiedade entre suas vertentes estado e traço. Assim, o IDATE é considerado um dos instrumentos mais utilizados para quantificar componentes subjetivos relacionados à ansiedade (KEEDWELL & SNAITH, 1996).

De acordo com Medeiros & Carvalho (2008), o convívio com animais de estimação pode afetar o nível de ansiedade. Dados do IBGE em 2016 demonstram que quase metade das residências brasileiras abriga pelo menos um cão, enquanto uma em cada cinco casas tem um gato de estimação. Além disso, o Brasil se encontra em 4º lugar, na escala mundial, quando se trata de número de animais de estimação (cerca de 132 milhões), estando também, em 2º lugar quando se trata de número de cães, gatos e aves canoras e ornamentais.

Segundo Araceli (2003), inúmeros podem ser os benefícios promovidos pela terapia assistida por animais, tais como aumento da autoestima, estimulação da memória, diminuição da pressão arterial, do colesterol. Além disso, alguns benefícios da Terapia Assistida por Animais foram comprovados, como a diminuição da ansiedade e a melhora do humor (COSTA, 2000).

Considerando que estudantes universitários apresentam uma alta propensão em desenvolver ansiedade, torna-se necessário investigar os efeitos do convívio com animais de estimação sobre a ansiedade, neste grupo populacional.

2 – OBJETIVOS

2.1- Objetivo Geral

Investigar os efeitos do convívio com animal de estimação sobre os níveis de ansiedade em estudantes do Instituto de Ciências Agrárias (ICA) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) campus Unaí.

2.2- Objetivos Específicos

- ✓ Identificar a existência de ansiedade entre os alunos do curso de bacharelado em Ciências Agrárias.
- ✓ Comparar os níveis de ansiedade entre os períodos letivos do curso.
- ✓ Comparar a ansiedade entre estudantes que possuem animais e os que não possuem animais.
- ✓ Avaliar qual dos tipos de ansiedade (TRAÇO ou ESTADO) são mais prevalentes nos estudantes.

3 – METODOLOGIA

No primeiro semestre de 2016, realizou-se uma pesquisa com discentes do curso de Bacharelado em Ciências Agrárias da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/Campus Unaí. No momento da coleta, estavam regularmente matriculados no curso 356 alunos. Os voluntários assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que apresentava os objetivos do estudo e garantia a confidencialidade dos dados. Além disso, o TCLE garantia que o participante poderia abandonar o estudo a qualquer momento, sem que isso acarretasse em punição. Todas as informações também foram explicadas verbalmente antes da aplicação do questionário. O questionário foi aplicado pessoalmente durante o horário letivo. Após o consentimento, participaram do estudo 219 estudantes (sendo 104 do sexo masculino e 115 do sexo feminino), matriculados em diferentes períodos letivos, com uma média de 21 anos de idade. Dentre estes estudantes, 92 cursavam o 1º período, enquanto 26 o 2º período, 36 o 3º período, 30 o 4º período e 35 cursavam o 5º período.

Posteriormente, foi aplicado o IDATE para avaliação dos níveis de ansiedade. Segundo Loricchio & Leite (2012), o IDATE apresenta uma escala de avaliação da AE (IDATE-E) e outra que acessa a AT (IDATE-T). Neste questionário estão presentes 40 questões, onde 20 são relacionadas à AT e outras 20 à AE.

Cada questão do inventário é composta por uma escala de Likert de quatro respostas: “muitíssimo”, “bastante”, “um pouco”, e “absolutamente não”. A quantificação do nível de ansiedade é determinada através do somatório dos valores obtidos nas questões tanto para AE quanto para AT, de forma que valores mais altos denotam um maior nível de ansiedade (LORICCHIO & LEITE, 2012; MALUF, 2002). Adicionalmente, algumas questões do IDATE são pontuadas de forma invertida para evitar tendências de respostas (LORICCHIO & LEITE, 2012; MALUF, 2002).

Ademais, além de maiores escores conferirem um elevado nível de ansiedade, foram adotadas, seguindo os critérios de Novaes et al. (1996), classificações para AE que são atribuídas de acordo com o percentil encontrado na avaliação. Assim, um percentil até 25, foi classificado como “ausência de ansiedade - AA”, de 26 até 35 como “ansiedade leve - AL”, valores entre 36 e 65 foram classificados como “ansiedade moderada - AM”, de 66 até 75 como “ansiedade elevada - AE”, e acima de 76% foi considerada como “ansiedade severa - AS”.

Adicionalmente, algumas questões referentes à posse de animal de estimação foram anexadas ao IDATE. Estas questões eram relacionadas à quantidade, espécie e raça (*Pedigree*) dos animais de estimação. Questões relacionadas à raça, foram os próprios participantes que consideraram o animal de estimação quanto à raça, não tendo sido confirmada no presente estudo esta classificação através de *pedigree*.

Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância (ANOVA) e as médias foram comparadas pelo teste de t de *student* ($p < 0,05$). Para tal utilizou-se o software BIOESTAT 3.0 (AYRES et al., 2003).

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos estudantes universitários foi classificada com ansiedade-estado moderada ($p < 0,05$ – Tabela 1).

Tabela 1. Nível de ansiedade-estado (AE) em estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM - Campus Unaí)

Classificação de ansiedade-estado	AA	AL	AM	AE	AS
% de indivíduos	0.0	5.36	77.03*	13,33	4.28

* Maior % de indivíduos classificados.

AA-ausência de ansiedade. AL-ansiedade leve. AM-ansiedade moderada. AE-ansiedade elevada. AS-ansiedade severa

Com relação aos níveis de AE e AT entre os períodos letivos, não foi observada diferença significativa (Tabela 2).

Tabela 2: Escores médios de ansiedade-estado e ansiedade-traço em estudantes universitários com relação ao período letivo do curso de Bacharelado em Ciências Agrárias.

Período	Escore de ansiedade-estado	Escore de ansiedade-Traço
1º	50.44 ± 9.16	48.22 ± 12.09
2º	52.93 ± 9.53	54.37 ± 10.43
3º	48.78 ± 10.80	52.39 ± 13.84
4º	53.00 ± 8.45	55.60 ± 9.33
5º	53.82 ± 9.21	55.85 ± 8.88

Com base nas informações da Tabela 3, observou-se que em todos os períodos houve uma maior quantidade de indivíduos classificados com ansiedade moderada (AM) (Tabela 3).

Com relação à frequência de estudantes classificados nos diferentes níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado, de acordo com a Tabela 3, transformando em porcentagem, observou-se que, para a ansiedade-estado no 1º período: 10,87% dos participantes apresentaram AL; 79,35% AM; 6,52% AE; e 3,26% AS. Em relação à ansiedade-traço: 6,52% dos participantes apresentaram AA; 7,60% AL; 73,91% AM; 8,69% AE; e 3,26% apresentaram AS.

No 2º período de acordo com a ansiedade-estado: 3,84% dos participantes apresentaram AL; 80,76% AM; 11,53% AE; e, 3,84% AS. Em relação à ansiedade-traço: 7,69% apresentaram AL; 76,92% AM; 7,69% AE; e 7,69% apresentaram AS.

Já no 3º período, com relação à ansiedade-estado: 16,66% dos participantes apresentaram AL; 72,22% AM; 5,55% AE; e, 5,55% AS. Em se tratando de ansiedade-traço: 2,77% AA; 11,11% AL; 58,33% AM; 22,22% AE; e 5,55% AS.

No 4º período de acordo com a ansiedade-estado: 90% dos participantes apresentaram AM; 6,66% AE; e, 3,33% AS. Em relação à ansiedade-traço: 3,33% apresentaram AL; 73,33% AM; 16,66% AE; e 3,33% AS.

No 5º período em relação à ansiedade-estado: 2,85% dos participantes apresentaram AL; 85,71% AM; 8,57% AE; e, 2,85% AS. Em relação à ansiedade-traço: 80% apresentaram AM; 14,28% AE; 16,66% AE; e 5,71% apresentaram AS.

Tabela 3: Frequência de estudantes (n) classificados em diferentes níveis de ansiedade-estado e ansiedade-traço, com relação ao período letivo do curso Bacharelado em Ciências Agrárias.

Classificação	Período do curso	AA	AL	AM	AE	AS
Ansiedade-estado	1º (n = 92)	0	10	73	6	3
	2º (n = 26)	0	1	21	3	1
	3º (n = 36)	0	6	26	2	2
	4º (n = 30)	0	0	27	2	1
	5º (n = 35)	0	1	30	3	1
	Total	0	18	177	16	8
Ansiedade-traço	1º (n = 92)	6	7	68	8	3
	2º (n = 26)	0	2	20	2	2
	3º (n = 36)	1	4	21	8	2
	4º (n = 30)	0	1	22	5	1
	5º (n = 35)	0	0	28	5	2
	Total	7	14	159	28	10

AA: Ausência de ansiedade. AL: Ansiedade Leve. AM: Ansiedade Moderada. AE: Ansiedade Elevada. AS: Ansiedade Severa

Conforme Furegato et al. (2006), na população brasileira a depressão e ansiedade em universitários alcançam índices elevados para ambas as enfermidades. Em um estudo de Ferreira et al. (2009) buscando avaliar a ansiedade-traço e a ansiedade-estado em estudantes universitários, foram encontrados índices elevados de ansiedade.

As exigências acadêmicas de apresentação de trabalhos e seminários em sala de aula ou mesmo exposição de opiniões em grupo, são bastante frequentes na vida

universitária, podendo produzir alto nível de ansiedade (MARTINEZ et al., 2000). Segundo Martinez et al. (2000), em uma pesquisa realizada no Brasil com estudantes universitários, observou-se que 90,69% da amostra estudada apresentou preocupações referentes ao medo de falar em público e lidar com superiores.

Com relação à posse de animais de estimação, verificou-se que 64,92% dos participantes convivem com animal de estimação, enquanto 35,08% não convivem.

Considerando os valores absolutos obtidos no IDATE, observou-se que ansiedade-estado foi menor ($p < 0,05$) nos voluntários que relataram conviver com animal de estimação, em relação àqueles que não possuem ou convivem com animais. Não houve diferença significativa quando esta comparação foi feita na ansiedade-traço (Tabela 4).

Tabela 4. Valores médios absolutos do nível de ansiedade-traço (AT) e ansiedade-estado (AE) em estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM - Campus Unaí)

Possui animal de estimação	AT (m ± dp)	AE (m ± dp)
Sim	42.67 ± 8.79	39.67 ± 7.57*
Não	43.20 ± 7.03	44.52 ± 7.00

* Menor valor de ansiedade em relação a possuir, ou não, animal de estimação.

Considerando a classificação de ansiedade em estudantes universitários que interagem com animais, pode-se notar uma grande diferença quando comparado com estudos realizados por Furegato et al. (2006) e Ferreira et al. (2009) relacionados à ansiedade em universitários. O fato da ansiedade-estado ser menor em voluntários que relataram conviver com animal de estimação mostra a grande influência positiva que estes animais exercem sobre a ansiedade de seus proprietários, vale ressaltar que, segundo Spierlberger; Gorsuch e Lushene (1970) a ansiedade-estado é mais passível de modificação, variando de acordo com o estado emocional da pessoa e em relação às situações do ambiente.

Além disso, estes resultados demonstram que o contato entre homem e animal permite uma ampla e detalhada observação aos benefícios oferecidos pelos animais aos seres humanos (FINE, 2000).

De acordo com Jofre (2005) e Sobo (2006) a interação animal-homem traz muitos benefícios tais como, o aumento da concentração plasmática de endorfinas, prolactina, ocitocina, além da diminuição na concentração plasmática de cortisol. Além

disso, estudos de Araceli (2003) e McGuirk (2001) demonstram aumento na liberação de alguns neurotransmissores como dopamina, que age em regiões do cérebro promovendo a sensação de prazer e a motivação, além de outros efeitos. Já a endorfina possui efeito em áreas cerebrais responsáveis pela modulação da dor, do humor, da depressão e da ansiedade (ARACELI, 2003; MCGUIRK, 2001).

Adicionalmente, estes neurotransmissores exercem uma função sobre as emoções, modulando a ansiedade e aumentando a atividade aumentada do ácido gama-aminobutírico (GABA) (HILL, 1999).

Na comparação dos níveis de ansiedade considerando a espécie do animal de estimação, observou-se que a AE foi menor ($p < 0,01$) nos universitários que convivem com cachorro, quando comparados àqueles que não possuem animal (Tabela 5).

Tabela 5. Escores médios de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço (AT) em estudantes universitários com relação à espécie do animal de estimação que convivem.

Espécie do animal de estimação	Escore de AE	Escore de AT
Não possui animal (n=74)	44.52 ± 7.00	43.20 ± 7.03
Possui cão	40.55 ± 7.12*	43.56 ± 8.24
Possui gato	45.55 ± 6.33	45.16 ± 9.22
Possui cão e gato	42.88 ± 9.77	45.00 ± 7.41
Possui outra(s) espécie(s) de animal(is)	42.89 ± 8.79	43.27 ± 7.75

* Diferença em relação aos indivíduos que não possuem animal ($p < 0,01$)

O fato de ter sido observada diferença significativa na AE apenas nos voluntários que convivem com cães, pode estar relacionado ao fato de que esta espécie apresenta uma grande afetividade com o ser humano, muitas vezes permanecendo mais próximos quando comparados a outras espécies (MACHADO, 2016). Além disso, houve uma maior prevalência de indivíduos que relataram conviver com cães, enquanto que para outras espécies a prevalência foi menor.

Os escores de AE em estudantes universitários que convivem com um ou dois animais foram menores ($p < 0,05$) em relação ao observado nos universitários que não convivem com animais de estimação (Tabela 6). Adicionalmente, observou-se que escores de AE nos universitários que convivem com apenas um animal foi menor em relação àqueles que convivem com três ou mais animais (Tabela 6).

Tabela 6. Escores médios de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço (AT) em estudantes universitários com relação à quantidade de animais de estimação que convivem.

Quantidade de animais de estimação	Escore de AE	Escore de AT
0	44.52 ± 7.00	43.20 ± 7.03
1	40.90 ± 6.63*	43.15 ± 7.99
2	41.19 ± 8.98*	44.15 ± 8.82
3 ou mais	44.12 ± 7.56 [#]	44.92 ± 7.44

* Diferença em relação aos indivíduos que não possuem animal ($p < 0,05$).

[#] Diferença em relação aos indivíduos que possuem um animal ($P < 0,05$).

De acordo com a quantidade de animais de estimação, observa-se que a presença de um ou dois animais traz benefícios diminuindo os níveis de AE. Segundo a ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), em 2008, 47% dos animais domésticos consumiam ração de boa qualidade, então a partir do momento que uma família resolve adotar um animal, provavelmente aumenta seu gasto com o pet. Diante disso, o fato de 3 ou mais animais ter tido um maior nível em relação à conviver com apenas 1 animal pode se dar pelo fato de que 3 ou mais animais podem levar a maiores gastos, além de necessitar de mais tempo e atenção do proprietário.

Com relação à raça do animal, foram observados menores escores de AE ($p < 0,05$) nos voluntários que convivem com animais sem raça definida (SRD), de raça, ou até mesmo ambos os casos, quando comparados aos universitários que não convivem com animais de estimação (Tabela 7).

Tabela 7. Escores médios de ansiedade-estado (AE) e ansiedade-traço (AT) em estudantes universitários com relação à raça do animal de estimação que convivem.

Raça	Escore de AE	Escore de AT
Não possui animal	44.52 ± 7.00	43.20 ± 7.03
SRD	41.37 ± 7.44*	44.29 ± 9.51
Raça ¹	41.90 ± 7.80*	43.79 ± 7.52
SRD e Raça	39.58 ± 5.98*	43.04 ± 7.09

SRD: Sem raça definida.

¹ Considerado como animal de raça pelo proprietário.

* Diferença em relação aos indivíduos que não possuem animal ($p < 0,05$).

5- CONCLUSÃO

Concluiu-se que a maioria dos universitários da UFVJM/Campus Unaí avaliados apresentou grau moderado de ansiedade-estado. Universitários que possuem/convivem com animal de estimação apresentaram menores níveis de ansiedade-estado, sem influência da raça, sendo que aqueles que convivem com cães apresentaram menor ansiedade em relação ao convívio com outras espécies. Universitários que convivem com um ou dois animais também apresentaram menor nível de ansiedade-estado.

REFERÊNCIAS

- ALMONDES, K. M. e ARAÚJO, J. F. v. 8, p. 37-43, 2003.
- AMORIM-GAUDÊNCIO, C. e SIRGO, A. **Revista de Psicologia**. v. 30, p. 75-80, 1999.
- ANDRADE, L. H. S. G. e GORENSTEIN, C. **Revista Brasileira de Psiquiatria Clínica**. v. 25, p. 285-290, 1998.
- ANDREATINI, R.; BOERNGEN-LACERDA, R. e FILHO, D. Z. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. v. 23, p. 233-242, 2001.
- ABINPET** - Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. Disponível em: <<http://abinpet.org.br/site/>> Acesso em 20 de outubro. 2017
- ARACELI, N. **Alternative Medicine Review**. 2003.
- ARAÚJO S. R. C.; MELLO M. T. e LEITE J. R. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. v. 292, p. 164-171, 2007.
- AYRES, M.; AYRES JR M.; AYRES D. L. e SANTOS A. A. S. 2003.
- BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S. D. e TORRES, E. C. **Revista de Psicologia**. v. 7, p. 39-48, 2006.
- CASTILLO, A. R. G. L.; RECONDO, R.; ASBAHR, F. R. e MANFRO, G. G. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. v. 22, p. 20-23, 2000.
- CHAVES, E. C. L.; IUNES, D. H.; MOURA, C. C.; CARVALHO, L. C.; SILVA, A. M. e CARVALHO, E. C. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 68, p. 444-449, 2015.
- COSTA, R. M. E. M. Tese (D. Sc., Coppe Sistemas) – UFRJ, Rio de Janeiro. v. 30, 2000.
- ESCUADERO, R. M. P. 1999.
- FERREIRA, C. L.; ALMONDES, K. M.; BRAGA, L. P.; MATA, A. N. S.; LEMOS, C. A. e MAIA, E. M. C. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 14, p. 973-981, 2009.
- FINE, A. **San Diego/California: Academic Press**. 2000.
- FUREGATO, A. R. F.; SILVA, E. C.; CAMPOS, M. C.; CASSIANO, R. P. T. **Revista de Psiquiatria Clínica**. v. 33, p. 239-244, 2006.
- HIDALGO, M. P. L.; SOUZA, C. B. Z. e NUNES, P. V. **Psychological Reports**. v. 93, p. 427-434, 2003.
- HILL, F. **The Clinical Forum for Nurse Anesthetists**. v. 2, p. 52-61, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:
<<http://www.ibge.com.br>>. Acesso em: 11 outubro. 2016.

INOCENTE, J. J.; INOCENTE, N. J. e REIMÃO, R. 2004.

JOFRE, M. L. **Revista Chilena de Infectologia**. 2005, v. 22, p. 257-63, 2005.

KEEDWELL, P. e SNAITH, R. P. **Acta Psychiatrica Scandinavica**. v. 93, 177-180. 1996.

KNAPP, P. e CAMINHA, R. M. **Artmed**. p. 267-79, 2004.

LORICCHIO, T. M. B. e LEITE, J. R. **Avaliação Psicológica**. v. 11, p. 37-47, 2012.

MACHADO, C. S. Salão do Conhecimento - UNIJUI. 2016.

MALUF, T. P. G. 2002.

MARTINEZ, A.; LANDIM, A. K. P.; COSTA, C. R.; CONILHEIRO, D.; SA, E. S.; NUNES, E. C.; SANTOS, E. E.; BATISTA, E. A. R.; LIMA, F.; SANTOS, G. A.; SANTOS, M. C. F.; CORNACHINI, M. C.; REGO, S. C. B. e SOUZA, S. F. v. 3, p. 185-192, 2000.

MCGUIRK, K. **New Brunswick**. 2001.

MEDEIROS, A. J. S. de e CARVALHO, S. D. **Terapia Assistida por Animais a crianças hospitalizadas**. Campinas: UNICAMP. 2008.

NOVAES, M. A. F. P.; ROMANO, B. W. e LAGE, S. G. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**. v. 67, p. 99-102, 1996.

OLIVEIRA, M. A. de e DUARTE, Â. M. M. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 6, p. 183-200, 2004.

PEREGRINO, A. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. v. 45, p. 129-134, 1996.

PEREIRA, S. M. e LOURENÇO, L. M. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**. v. 64, p. 47-62, 2012.

RODRIGUES, D. G. e PELISOLI, C. **Revista Brasileira de Psiquiatria Clínica**. v. 35, p. 171-177, 2008.

SOBO, J. E. **Journal of Holistic Nursing**. v. 24, p. 51-7, 2006.

SPIELBERGER, C. D.; GORSUCH, R. L.; e LUSHENE, R. E. **Manual for the state-trait anxiety inventory**. Consulting psychologists press. 1970.

TWENGE, J.M. **Journal of Personality and Social Psychology**. v. 79, p. 1007-1021, 2000.

8 – ANEXOS

8.1 - ANEXO A – Questionário Aplicado

Questionário IDATE (Ansiedade Estado e Ansiedade Traço).

Nome: _____

Possuo animal de estimação: () Sim () Não

Quantos: _____ Animais

Qual a espécie do animal de estimação? _____

Qual a raça do (s) animal (is) de estimação? _____

Há quanto tempo possui o(s) animal (is) de estimação? _____

Como me sinto quando o vejo?

() indiferente () feliz () raiva () outro: _____

Ansiedade Estado

Muitíssimo=4 Bastante=3 Um Pouco=2 Absolutamente Não=1				
01. Sinto-me calmo	1	2	3	4
02. Sinto-me seguro	1	2	3	4
03. Estou tenso	1	2	3	4
04. Estou arrependido	1	2	3	4
05. Sinto-me à vontade	1	2	3	4
06. Sinto-me perturbado	1	2	3	4
07. Estou preocupado com possíveis infortúnios	1	2	3	4
08. Sinto-me descansado	1	2	3	4
09. Sinto-me ansioso	1	2	3	4
10. Sinto-me "em casa"	1	2	3	4
11. Sinto-me confinado	1	2	3	4
12. Sinto-me nervoso	1	2	3	4
13. Estou agitado	1	2	3	4
14. Sinto-me uma pilha de nervos	1	2	3	4
15. Estou descontraído	1	2	3	4
16. Sinto-me satisfeito	1	2	3	4
17. Estou preocupado	1	2	3	4
18. Sinto-me superexcitado e confuso	1	2	3	4
19. Sinto-me alegre	1	2	3	4
20. Sinto-me bem	1	2	3	4

Ansiidade Traço

	Quase sempre=4	Frequentemente=3	Às vezes=2	Quase nunca=1
01. Sinto-me bem	1	2	3	4
02. Canso-me facilmente	1	2	3	4
03. Tenho vontade de chorar	1	2	3	4
04. Gostaria de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser	1	2	3	4
05. Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente	1	2	3	4
06. Sinto-me descansado	1	2	3	4
07. Sou calmo, ponderado e senhor de mim mesmo	1	2	3	4
08. Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não consigo resolver	1	2	3	4
09. Preocupo-me demais com coisas sem importância	1	2	3	4
10. Sou feliz	1	2	3	4
11. Deixo-me afetar muito pelas coisas	1	2	3	4
12. Não tenho muita confiança em mim mesmo	1	2	3	4
13. Sinto-me seguro	1	2	3	4
14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas	1	2	3	4
15. Sinto-me deprimido	1	2	3	4
16. Estou satisfeito	1	2	3	4
17. Às vezes, idéias sem importância entram na minha cabeça e me preocupam	1	2	3	4
18. Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça	1	2	3	4
19. Sou uma pessoa estável	1	2	3	4
20. Fico tenso e perturbado quando penso meus problemas do momento	1	2	3	4

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e/ou divulgação total ou parcial do presente trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

Karielly Amaral Andrade

kariellyamarala@gmail.com

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Av. Vereador João Narciso, 1380 – Cachoeira, Unaí - MG